



MUSEU MEMÓRIA ALTO DO MATEUS

Ayane de Santana Souza Barros¹ - UFPB

Francisca Vaz² - UFPB

Os espaços museológicos devem ser um local de autonomia com acesso a todos: um meio vinculado à cultura e, principalmente, a representação do próprio público e suas histórias, sejam elas de milênios ou atuais. Se os frequentadores não sentirem-se representados, o precipício entre eles e os museus apenas aumentará mais ao longo das décadas. O mercado atual vinculado diretamente aos museus, confrontado pelo público, viu-se forçado a expor com as minorias que antes desprezava e passou a não querer ser mais observado como a retratação de um museu mausoléu. Não uma estante inalcançável, mas sim uma política próxima à vida contemporânea e de suas demandas sem as pilhas de regras que afastaram o público durante tanto tempo. O mundo não está afastado do museu e o museu não está tão longe do mundo, então, para quem os museus são feitos?

É nesse contexto que nos inspiramos para atuar nas aulas no sexto ano B e sétimo ano A da EMAN Severino Patrício, localizada no bairro Alto do Mateus no município de João Pessoa, Estado da Paraíba. Atuando como monitoras do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) - no Subprojeto Artes Visuais, encontramos uma comunidade cheia de vidas e realidades completamente diferentes entre si. A nossa presença na escola, este rico e diverso universo, nos fez pensar na relação escola/museu - para buscar construir, nas propostas pedagógicas um museu vivo, que coleciona e apresenta memórias e histórias que identificam e comunicam aspectos importantes do Alto do Mateus. Longe das obras realistas e esculturas romanas e gregas, este museu/escola é um vínculo verdadeiro e definitivo com essas realidades entre as experiências marcantes em suas vidas. Diante da realidade periférica, os alunos da Severino Patrício buscam seus próprios



meios para expressarem seus sentimentos: desenhos, performances com coreografias, e arremesso de bolinhas de papel - o que embora seja configurado como bullying, faz parte do cotidiano da escola, e não deixa com que os alunos fiquem num estado reativo diante de determinados conteúdos normativos da atual estrutura curricular. Alguns alunos da escola nunca tiveram a oportunidade de se locomover para fora do bairro do Alto do Mateus, muitos estão acostumados com a rotina de um bairro periférico: desigualdade econômica e violência doméstica.

Antes de pensar na musealização de objetos que fazem parte do cotidiano dos alunos da escola, coletamos alguns dados sobre como o ensino de artes se dá, considerando que este é o foco do nosso curso. Neste exercício de aproximação, foi possível notar que os alunos reproduzem certos tipos de preconceito em relação à raça, religião e gênero, aspectos que foram considerados nos debates e na condução das aulas. Conseguimos assim, afetar diretamente a realidade deles. Conduzir aulas sobre músicas regionais, ocasião em que eles ficaram atentos enquanto ouviram a melodia “O Ovo” de Hermeto Pascoal, sendo executada ao vivo por uma das monitoras do Pibid em um pífano, onde o objetivo foi apresentar a cultura musical regional. Nesta aula, falamos sobre a música paraibana e foi interessante notar o quanto eles estavam atentos a acontecimentos que fogem da rotina da escola. Isso permitiu ter uma noção maior do que poderíamos musealizar de fato, a partir dos afetos dos alunos e alunas.

Em uma aula sobre fotografia, nos deparamos com uma situação desafiadora: os alunos propuseram analisar uma imagem a partir do tema “pessoa morta executada a tiros”. A partir do tema, exploramos como a fotografia artística se difere da fotografia documental, debatendo como tragédias são registradas a partir da linguagem da fotografia. Nesse ponto, decidimos apresentar a ideia de musealizar através de fotos o que eles desejassem, mas também possibilitando uma abertura para o debate crítico sobre esta escolha.



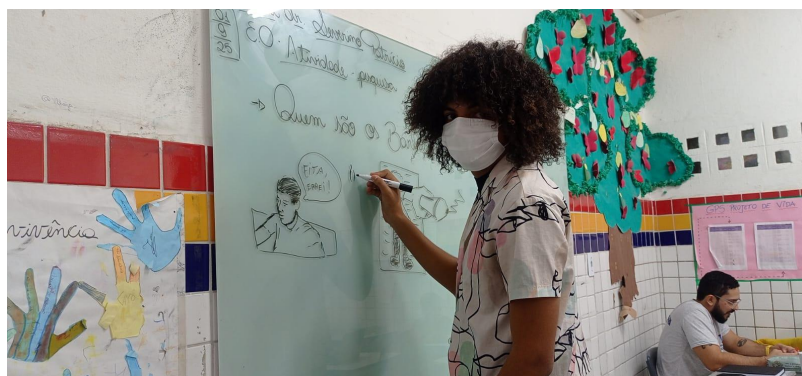
Conseguimos também ensinar conteúdos sobre técnicas de desenho com o objetivo de identificar o que eles gostariam de musealizar, e isso gerou uma surpresa: recebemos desenhos de presente de forma espontânea dos alunos do sexto ano, nas semanas posteriores ao conteúdo ensinado de acordo com o que conversamos. Muitos desenhos eram crucifixos, armas e personagens de desenhos japoneses, mas havia também o desenho de familiares e pets dos alunos. Partimos assim, para uma próxima etapa da proposta que conduzimos à discussão da ideia de um museu. Nesta direção, passamos a elaborar atividades sobre objetos que representam memórias dos estudantes e nos questionamos acerca do que poderia vir: seria um sapato comprado há três anos e que os leva para a escola todos os dias desde então, um anel simples passado de mãe para filho, um celular desejado e comprado com muitos esforços a pouco tempo ou o primeiro brinquedo que ganharam quando criança? Muito além da matéria que forma tal objeto, quais são as memórias que o cercam e que os incentivou a escolhê-los em meio a tantas opções? Se os objetos tivessem voz e pudessem nos contar toda a sua vida, desde sua fabricação até os dias de hoje, o que eles poderiam nos contar?

Diz Ursula Le Guin (2021, p. 22) no seu texto “A teoria da Bolsa Ficção”, uma estória (com e no início mesmo) não precisa focar em como o “Herói” combateu e perfurou seu inimigo, mas em como uma sacola, uma bolsa podem contar outras abordagens, diferentes das combativas. Nesse sentido, o que a fotografia de uma bolinha de papel poderia contar? Quais materiais escolares foram compartilhados entre colegas? Se pudéssemos escolher um único objeto para nos representar, atribuído a nós em uma estrutura museológica, ou seja, norteado de conteúdos como pesquisa, comunicação e conservação de uma determinada fonte, conceito ou individualidade, qual objeto escolheríamos? Muito além da matéria que forma tal objeto, quais são as memórias que o cercam e que os incentivou a escolhê-los em meio a tantas opções? Aqui não nos prendemos em descrições, características ou análise do



objeto, mas a ação de coleta (os critérios de escolha), classificação (um apanhado da realidade do aluno) e, finalmente, registro (o registro da ligação entre objeto-aluno invocado pela comunhão de uma história). Os conceitos que rondam este museu vivo podem variar entre os indivíduos e também é uma importante fonte de pesquisa para este trabalho, assim como o apoio e experiência entre a comunidade social que constituem o bairro em que a Escola Severino Patrício está localizada. Em conclusão, o museu que defendemos aqui não é um prédio com acervos inacessíveis, mas um espaço vivo de troca, memória e potência política, onde objetos registrados em foto tornam-se vozes e os corpos marginalizados encontram visibilidade. O trabalho com as turmas do sexto e sétimo ano da EMAN Severino Patrício mostra que a educação artística se faz - também com a didiscência de Paulo Freire - quando alunos têm autonomia de criação. Isso permite, portanto, usufruir do processo expositivo, que deixa de ser imposição e passa a ser coautoria.

Figura 1 – Monitora do Pibid utilizando o quadro da sala do Sexto Ano B



Fonte: Galeria do celular da monitora: Ayane de Santana Souza Barros¹

¹ Ayane de Santana Souza Barros é estudante de licenciatura em Artes Visuais e monitora do Pibid.

² Francisca Gonçalves Vaz é estudante de licenciatura em Artes Visuais, monitora do Pibid e atua com ensino e pesquisa em Artes. Também trabalha com desenhos digitais.



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.

São Paulo: Paz e Terra, 2004

LE GUIN, Ursula K. A teoria da bolsa de ficção. São Paulo: N-1, 2021